

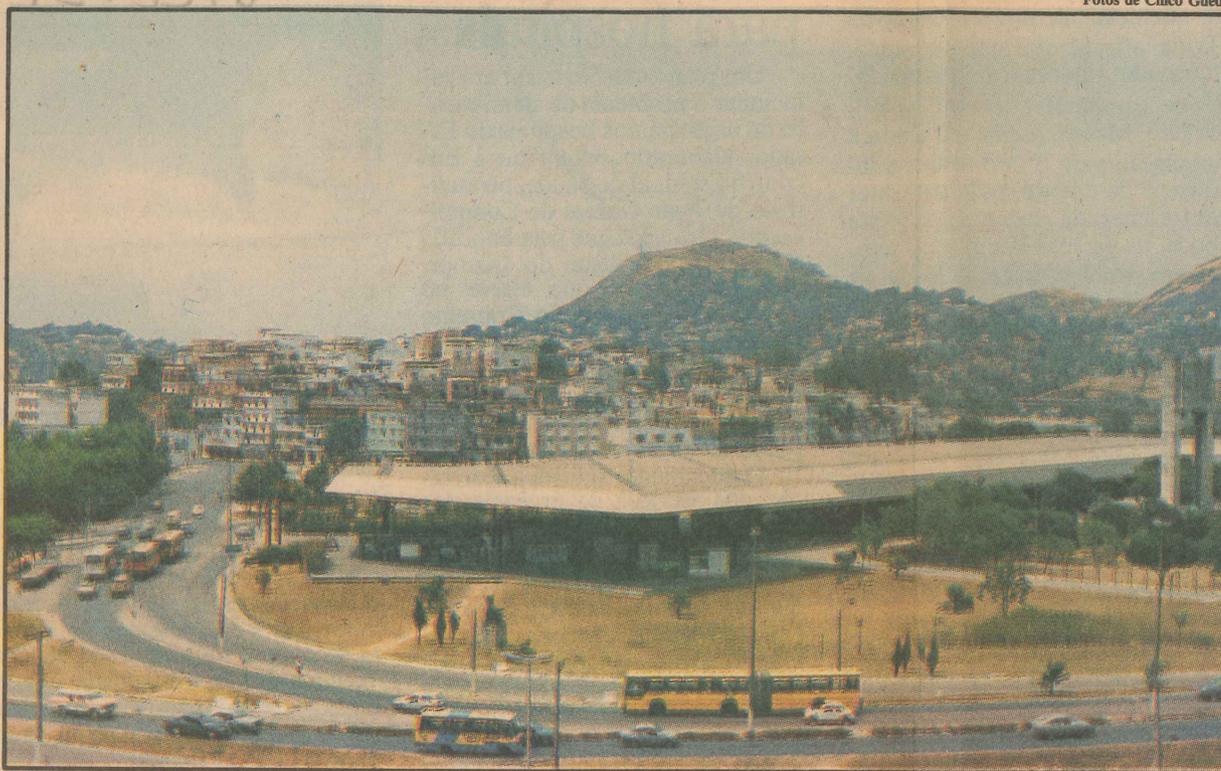
Ilha do Príncipe serve de refúgio para ladrões

A Ilha do Príncipe fica situada em frente à Rodoviária Grande Vitória. Por causa disso, acaba servindo como refúgio para quem desembarca na capital e não tem para onde ir. O bairro é muito visado por traficantes e praticantes de pequenos furtos no terminal e Mercado da Vila Rubim, que utilizam os vários becos sinuosos e mal-iluminados do local como rota de fuga da Polícia. Os moradores convivem com esse problema há vários anos sem saber como resolvê-lo, além da falta de segurança, coleta de lixo regular e saneamento básico.

Segundo um membro da comunidade, Marco Antônio Beato, o problema da Ilha do Príncipe é parecido com o de São Torquato. "Todas as pessoas que desembarcam na estação ferroviária Pedro Nolasco e não têm um destino certo se abrigam em São Torquato. Na Ilha do Príncipe ocorre o mesmo com quem desembarca na rodoviária. Isso acaba sendo muito problemático para os moradores", explicou Beato.

Becos

Sem nenhum planejamento urbano, a Ilha do Príncipe foi se formando desordenadamente de construções distribuídas no planalto, cercada anteriormente pelo braço de mar que cruzava a atual Ponte Seca no Mercado da Vila Rubim. Hoje, existem vários becos que são usados pela maioria dos moradores para acesso às suas residências. "Nesses becos mal-iluminados acontecem assaltos, fuga dos ladrões que agem na rodoviária e Mercado da Vila Rubim. Esse é um problema que os moradores tentam há muito resolver", explicou Marco Antônio Beato.



Fotos de Chico Guedes

A proximidade da Rodoviária faz da Ilha do Príncipe o bairro mais procurado por migrantes e desocupados

População era de nordestinos

A Ilha do Príncipe — que deixou de ser ilha e está ligada a Vitória por diversos aterros, teve sua população basicamente formada por nordestinos, que vinham para cá à procura de melhores condições de vida. Um deles é o policial reformado Pedro Martins de Lira, 86 anos, que lá aportou em 1925, de canoa, para viver num barracão que recebia pessoas vindas de fora e abrigava operários. "O terreno era da União, e só tinha alguns barracos", conta o baiano Pedro Lira.

Ainda não existiam as pontes Florentino Avidos e o único meio de transporte para chegar a Vitória era do barco. "Eu me lembro que a Prefeitura peitava e não queria deixar ninguém construir aqui", diz o aposentado. Mesmo sob os protestos da Prefeitura o povo foi invadindo e houve uma ocupação desordenada no bairro, que hoje possui inúmeros becos, escadarias e algumas ruas estreitas, sem nenhuma área de lazer. O bairro sediou o antigo isolamento



Seu Pedro chegou de canoa

dar lugar à Avenida Alexandre Buaiz, em frente às lojas Giacomim, e também da construção das pontes Florentino Avidos. "Devido à importância para o transporte e o comércio, um governador fez as duas pontes, o

entre Vitória e o Continente e deram impulso à economia do Estado, já que por elas era transportado o minério de ferro para o porto de Vitória.

Segundo Seu Pedro, os aterros mudaram a rotina da Ilha do Príncipe. Foi a construção da Codesa, a ligação com a Vila Rubim, que permitiu a construção do mercado. O bairro foi se comercializando, na parte aterrada com a construção de lojas, a Flexibrás e a construção de duas escolas da rede municipal e uma unidade de pré-escola. Houve nova invasão com construção de palafitas num manguezal, agora nas proximidades da ponte Florentino Avidos, onde hoje está situada a rodoviária da Ilha do Príncipe.

Já na década de 70, foi construída a Ponte do Príncipe ou simplesmente Segunda Ponte, a fim de desafogar o intenso tráfego de veículos na ponte Florentino Avidos, até então única ligação da Capital com o Sul. Hoje a

Polícia atende queixas no 190

O 1º Batalhão da Polícia Militar orientou os moradores da Ilha do Príncipe para acionar a corporação pelo telefone de plantão por 24 horas, o 190, quando forem registrados delitos no bairro. As reclamações feitas a respeito dos meninos de rua infratores que se escondem no bairro, após praticar crimes na região da rodoviária, dependem, na opinião da PM, da colaboração da comunidade para serem atendidas.

O 1º Batalhão explicou que o destacamento da PM está localizado na parte alta da Ilha do Príncipe. Com isto, a corporação acredita que fica difícil o trabalho de seus homens instalados no módulo dentro do bairro.

Esgotos terão mais atenção

O Secretário de Obras de Vitória, Teteco Queiroz, disse, ontem, que pretende resolver imediatamente o problema da comunidade da Ilha do Príncipe sobre a tubulação de esgoto quebrada, caso a questão seja realmente da responsabilidade da administração municipal. Ele orientou os moradores que procurem a Secretaria para que os técnicos do setor façam uma visita ao bairro, identificando os pontos críticos. A Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan), através de sua Assessoria de Imprensa, afirmou que o problema verificado no bairro não é da responsabilidade da empresa.

PMV nega problema com lixo

O diretor do Departamento de Limpeza Pública da Prefeitura de Vitória, Ricardo Alves Barroso, negou ontem que tivesse havido mudanças no esquema de coleta de lixo na Ilha do Príncipe, conforme denunciaram moradores. Segundo ele, o horário de se colocar o lixo em sacolas plásticas na rua continua o mesmo, a partir das 19 horas.

Ricardo Barroso informou também que a varrição no bairro é feita diariamente de segunda-feira a sábado, das 7h40m às 16 horas. Ele chegou a dizer que visitou, pessoalmente, a Ilha do Príncipe, antes, durante e depois que a equipe de A GAZETA esteve no bairro, no último sábado, e constatou que a população do lugar está depositando o lixo na rua, sem colocá-lo em sacolas plásticas e fora do horário.

Falta consciência



O lixo é motivo de protestos

dos moradores e estabelecimentos comerciais para se evitar a criação de novos pontos de coleta. Ricardo definiu a rua da Delegacia no bairro Querubino Costa como um ver-

fuga dos ladrões que agem na rodoviária e Mercado da Vila Rubim. Esse é um problema que os moradores tentam há muito resolver”, explicou Marco Antônio Beato.

A comunidade da Ilha do Príncipe está desarticulada. Hoje o movimento comunitário funciona através de um interventor. Segundo Beato, a Flexibrás, que funciona no bairro, garante uma certa contribuição para auxiliar a comunidade e foi preciso recorrerem à Justiça para o afastamento do líder comunitário Jorge Inácio. Hoje funciona como interventor Oliveira da Silva Braga Filho.

Segundo Marcos Beato, quando a situação da liderança comunitária voltar à normalidade, é intenção da comunidade resolver o problema dos becos, brigando por iluminação e a colocação de portões, para evitar que sejam utilizados indevidamente. “Acreditamos que, à medida que formos colocando portões, vamos mudar o atual quadro nos principais becos do bairro”, disse Beato.

Trilhos

Uma outra luta dos moradores será para a retirada dos trilhos que anteriormente serviam para acesso de trens ao interior do porto. “Esses trilhos que passam pela Avenida Alexandre Buaziz, e contornam o bairro, em todas as suas vias de acesso, são um transtorno”. A ilha seria incluída em 1986 no projeto Cidade Porte Médio e sofreria uma série de melhorias. Caso isso tivesse acontecido, o bairro hoje estaria bem melhor e teria uma aparência capaz de impressionar melhor quem chega à capital do Espírito Santo. O CPM não aconteceu e continuamos carentes de um grande projeto de urbanização”, disse Beato.

No sábado havia uma equipe de garis fazendo limpeza no bairro, mas não deu tempo de recolher o amontoado de lixo próximo à padaria na Rua Brígida Nader. “Na administração passada a limpeza e coleta de lixo eram mais sistemáticas, mas ultimamente o bairro está sofrendo com o acúmulo de detritos”, disse Sidney Bonifácio de Oliveira.

sob os protestos da Prefeitura o povo foi invadindo e houve uma ocupação desordenada no bairro, que hoje possui inúmeros becos, escadarias e algumas ruas estreitas, sem nenhuma área de lazer. O bairro sediou o antigo isolamento de leprosos e a firma que construiu o porto.

O aposentado Pedro Lira, um dos moradores mais antigos, diz que todos os homens trabalhavam “na Capital”. Ele foi admitido na Polícia Militar, enquanto outros trabalhavam no porto ou eram funcionários da Prefeitura. Tempos mais tarde ele ficou à disposição do porto. Ele diz que ainda se lembra de quando começaram a detonar a pedra para

dar lugar à Avenida Alexandre Buaziz, em frente às lojas Giacomim, e também da construção das pontes Florentino Avidos. “Devido à importância para o transporte e o comércio, um governador fez as duas pontes, o Florentino Avidos”, disse o morador.

Pontes

As pontes Florentino Avidos foram construídas entre 1926 e 1927, sendo que uma liga o continente à Ilha e a outra, a Ponte Seca, que é uma extensão da primeira, liga a Ilha do Príncipe a Vitória. Ambas têm estrutura metálica. Eram a única ligação

Já na década de 70, foi construída a Ponte do Príncipe ou simplesmente Segunda Ponte, a fim de desafogar o intenso tráfego de veículos na ponte Florentino Avidos, até então única ligação da Capital com o Sul. Hoje a Ilha do Príncipe possui comércio de eletrodomésticos, restaurantes e hotéis, em frente à rodoviária, que atendem a imigrantes, além de igrejas, escolas e creche pública e um centro comunitário. Dos antigos times de futebol, América, Benfica e Comercial, só o último ainda sobrevive. Há também a Escola de Samba Nossa Presença, que no passado foi um bloco de Carnaval. Sem área de lazer, as crianças brincam no meio das ruas.

Moradora lembra ‘Maria Tomba Homem’

Quem já viveu na Ilha do Príncipe conhece a história de Maria de Lourdes Silva Pinto, a Maria **Tomba Homem**, dona de um meretrício que nas décadas de 40 e 50 era bastante freqüentado por marinheiros, operários e moradores do bairro. “Ela chamava a atenção porque além de seu porte físico — era bastante alta e forte —, Maria **Tomba Homem** usava roupas extravagantes e usava um batom muito colorido. Para a gente que era criança, na época, era uma coisa muito diferente”, lembra Irinéia Martins de Lira.

Maria **Tomba Homem** ficou assim conhecida porque desafiava qualquer um que fosse pertur-

bar a ordem em seu território, fosse ele marinheiro ou até mesmo da Polícia. “No bordel ia todo tipo de homem e, se alguns deles ousassem não pagar, Maria **Tomba Homem** não temia e enfrentava”, conta o morador Oswaldo Messias.

O prostíbulo de Maria **Tomba Homem** ficava entre a linha ferroviária e o paredão de pedras que hoje é ocupado por lojas na Avenida Alexandre Buaziz. “Uma coisa que chamava a atenção é que todas as casas eram pintadas de cor rosa bem forte, as mulheres usavam roupa de chita colorida e extravagante”, conta Emy Martins de Lira, lembrando ain-

da que os meninos faturavam seus trocados fazendo mandados para as prostitutas. “Elas não saíam para nada e se mantinham distanciadas das famílias daqui. Por isso, usavam os garotos para fazerem mandados. Inclusive, meus irmãos fizeram muito isso”, disse Emy Martins de Lira.

Até a década de 60 o prostíbulo se manteve na ativa, assim como o de Caratoira e o do centro de Vitória, depois transferidos para São Sebastião, na Serra. Maria **Tomba Homem** hoje vive adoentada no município de Vila Velha. A prostituição na Ilha do Príncipe, segundo garantem os moradores, não existe mais.

a população do lugar está depositando o lixo na rua, sem colocá-lo em sacolas plásticas e fora do horário.

Falta consciência

O diretor do Departamento de Limpeza Pública afirmou que o contribuinte deve se conscientizar sobre a questão do horário de recolhimento de seus dejetos, feito pelo caminhão da Corpus, empresa responsável pelo serviço já há cinco anos. Ele orientou que os sacos plásticos com o lixo devem ser colocados na frente das residências

Plano vai rever iluminação

O diretor do Departamento de Logradouros Públicos, João Luiz Barone, afirmou ontem que a Prefeitura de Vitória pretende corrigir as deficiências na área de iluminação pública da Ilha do Príncipe ainda este ano. Ele informou que o bairro está na lista dos priorizados pela administração Paulo Hartung dentro do Plano Diretor em fase de elaboração, que deve ficar pronto até o final deste semestre.

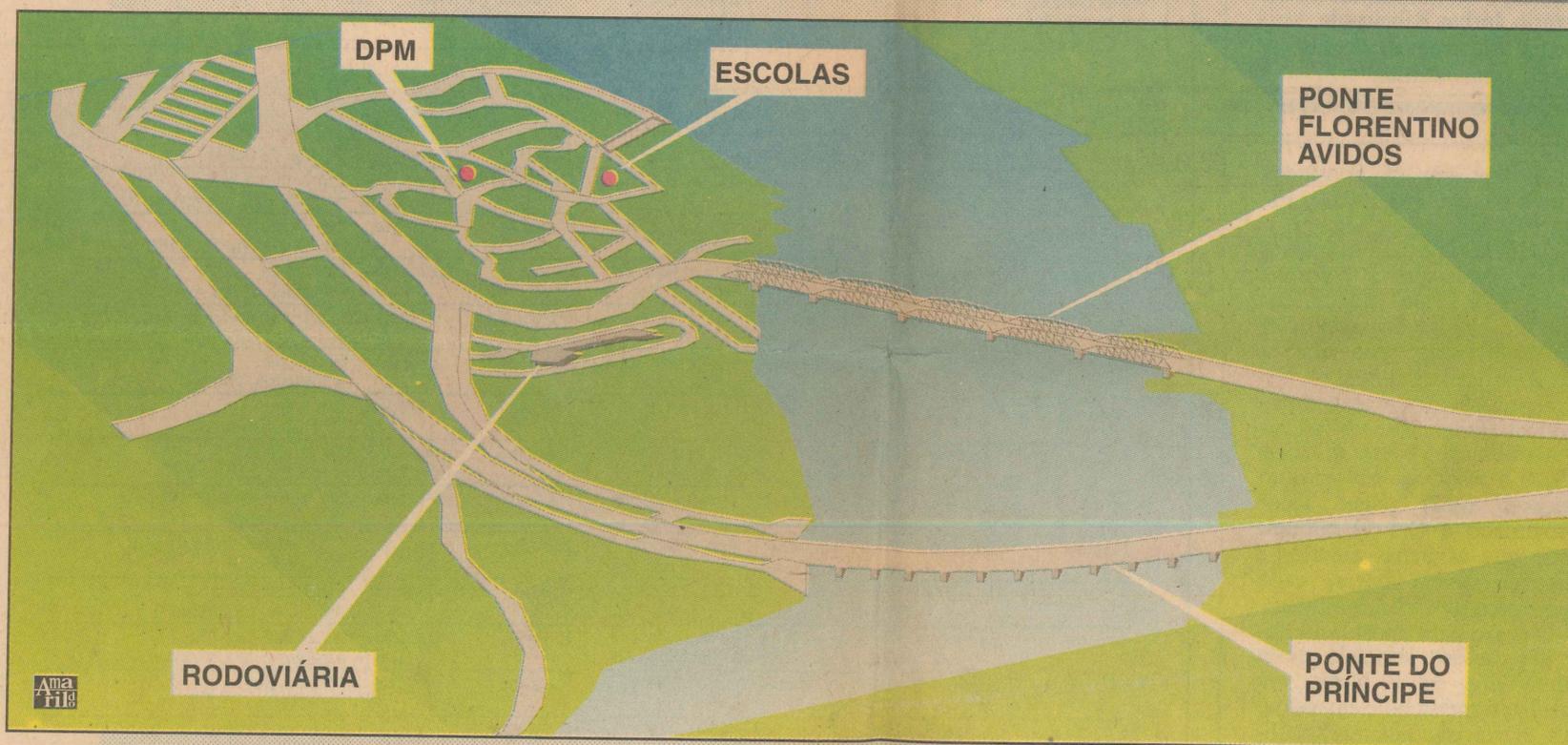
Barone disse que a PMV mudou o critério de atendimento nesta área. Os bairros priorizados na área de iluminação pública agora são os que apresentam problemas críticos na área de segurança. Antes, ele informou que as solicitações eram atendidas de forma “de-

dos moradores e estabelecimentos comerciais para se evitar a criação de novos pontos de coleta. Ricardo definiu a rua da Delegacia no bairro Querubino Costa como um verdadeiro “lixão”.

Ontem pela manhã, Ricardo disse que uma equipe da Secretaria de Serviços Urbanos foi à Ilha do Príncipe orientar a população sobre a questão do lixo. Placas educativas também já foram distribuídas pelo bairro, visando informar melhor à população da Ilha, garantiu o chefe da Limpeza Pública.

sorganizada” com base nos pedidos feitos pela comunidade ao Departamento. Isto porque, entre os anos de 89 e 91, a taxa de iluminação não era suficiente para fazer a ampliação da rede e melhoramentos necessários. “Não havia recursos para sequer quitar a conta de energia elétrica da PMV”, acentuou.

Com a aprovação dos novos valores da taxa de iluminação pela Câmara Municipal da capital, no final de 91, a Prefeitura veio atendendo ao volume de pleitos da comunidade acumulados em três anos, além daqueles levados a seu Departamento no decorrer do ano passado.



Ilha do Príncipe.

Área: 274.800 metros quadrados. População: 2.990 habitantes.

O bairro possui escolas e creche públicas, hotéis, restaurantes, bares, um estabelecimento comercial só de eletrodomésticos, igrejas e um Centro Comunitário, onde os moradores discutem seus problemas.

■ “O sistema de esgoto da Ilha do Príncipe é o mais arcaico possível. Os manilhões que passam pelos becos, instalados pela Cesan há muitos anos, estão danificados e precisam ser substituídos em algumas ruas e becos principais, para que estes locais possam ser melhorados com calçamento ou asfalto”. Marco Antônio Beato, técnico em Edificações.

■ “Na escola Castelo Branco, da Prefeitura de Vitória, estudam 240 alunos por turno. A escola foi construída sem uma quadra para os alunos praticarem atividades recreativas e educação física. A principal reivindicação dos moradores para este ano é a construção desse espaço, que foi prometido, mas não construído pela administração passada”. Oswaldo Messias, aposentado.

■ “O esgoto da Rua 10 está sempre com problema. O manilhão da Cesan, de muitos anos, está quebrado. Sempre que reclamamos eles aparecem, fazem um remendo e vão embora. Poucos dias depois o problema retorna e, infelizmente, eles só retornam para consertar uns três meses depois e fazem a mesma coisa. Acho que deveriam fazer uma obra definitiva”. Alvani José dos Santos, aposentado.